



## As interpretações de Marte em Conimbriga

Raquel de Moraes Soutelo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este artigo analisa práticas de *interpretatio* do deus romano Marte, durante os séculos I e II d.C na cidade de Conimbriga, situada na província da Lusitânia. Através da análise de duas fontes epigráficas encontradas neste local, observaremos como Marte sofreu uma dupla interpretação religiosa, sendo identificado ao deus lusitano Neto e a Augusto.

## The interpretations of Mars in Conimbriga

**Abstract:** This article observes practices of *interpretatio* of the roman god Mars, during the I and II centuries A.D at Conimbriga, located in the Lusitania province. Through the study of two epigraphic sources founded in this archaeological site, we analyze both of Mars religious interpretation, with the god Neto and with Augustus.

\*\*\*



## Introdução

Este artigo é fruto das atividades do plano de trabalho intitulado **Práticas de *interpretatio* na Lusitânia romana: O caso de Conimbriga**, vinculado ao projeto ***Religio Romana: uma análise das instituições religiosas romanas em discursos tardo-republicanos*** da Professora Doutora Cláudia Beltrão. Este procura analisar as práticas de interpretação religiosa que ocorreram na cidade de Conimbriga, situada na província romana da Lusitânia, entre os séculos I, II e III d.C, buscando atingir ao objetivo do projeto ao qual está vinculado de identificar formas e fórmulas pelas quais cultos e seres divinos ou humanos estrangeiros foram incorporados à *religio romana*, ou excluídos dela, passando a ser objeto de anátema imperial, a fim de compreender os aspectos das interações religiosas que ocorreram no local estudado.

A *religio romana* é um dos aspectos constituintes da identidade romana (BELTRÃO, 2006), uma forma de sedimentar a solidariedade entre seus membros (BUSTAMANTE, 2006) e um instrumento no processo de integração imperial nas províncias recém-conquistadas (BUSTAMANTE; DAVIDSON; MENDES, 2005). Já que esta se baseava na crença de que os deuses de todos os povos eram verdadeiros (VEYNE, 2009) o que possibilitou que ela se tornasse um símbolo do Império, ao mesmo tempo em que permitiu a criação de novas experiências religiosas.

Sendo assim a religião romana como ferramenta no processo de romanização, entendido aqui como “[...] processo de mudança sociocultural, multifacetada em termos de significados e de mecanismos, que teve início com a relação entre os padrões culturais romanos e a diversidade cultural provincial em uma dinâmica de negociação bidirecional” (BUSTAMANTE; DAVIDSON; MENDES, 2005: 41), então, possibilitou o fenômeno da *interpretatio*. Um produto da interação cultural que consiste na “[...] identificação dos deuses indígenas a equivalentes romanos e na latinização das denominações das deidades nativas” (MENDES; OTERO, 2004: 202). Fenômeno que pode ser observado, por exemplo, nos vestígios epigráficos datados do século I, II e III d.C na cidade de Conimbriga, Portugal.

Esta era uma cidade de origem celta que foi conquistada em 137-135 a.C., na campanha militar de Décimo Júnio Bruto pela Lusitânia e que recebeu os seus primeiros habitantes romanos apenas em meados do século I a.C. Sendo assim, pode-se notar que durante muito tempo o cotidiano da cidade pode ter se mantido inalterado ainda mantendo seus costumes

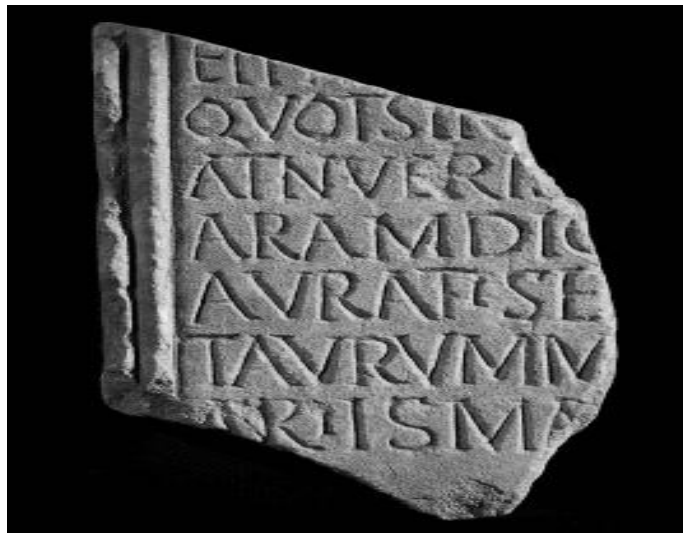


locais (população dividida em comunidades de linhagem, religião de deuses tutelares, por exemplo). O que só mudou no governo de Augusto com a transformação da fisionomia da cidade, com a ampliação de seu território e construção de grandes obras públicas como a muralha augustana, o Fórum augustano, as termas e o aqueduto, o que a adequou aos padrões urbanísticos romanos. No entanto, é apenas na época dos Flávios que esta recebe o *status* de município romano, ganhando um novo programa de obras públicas, que ampliou o Fórum e trouxe mais elementos romanos para a cultura local e intensificou a presença romana no dia-a-dia conimbricense (ALARCÃO; ETIENNE, 1976).

Logo, são destes períodos de mudança no urbanismo conimbricense e intensificação da presença romana que observamos as práticas de *interpretatio* que aconteceram naquele local. Dentre o conjunto epigráfico encontrado nesta localidade, analisaremos, neste artigo, duas epígrafes que envolvem o culto ao deus Marte, que nesta cidade teve uma dupla *interpretatio*, sendo associado ao deus lusitano Neto e a Augusto.

## **Marte Augusto, Marte Neto: a *interpretatio* em duas epígrafes conimbricenses**

A primeira epígrafe a ser analisada aqui é uma placa moldurada (sendo a moldura dupla e sobreposta ao campo epigráfico), incompleta no alto à direita e fraturada na parte inferior e no canto direito. Nela vemos descrito um sacrifício de um Touro a Marte Augusto.



Placa votiva que descreve um sacrifício a Marte Augusto datada do século II d.C. Atualmente se encontra no Museu Monográfico de Conimbriga (Inventário 73.1). [Fonte: Matriznet: Coleções do IMC (Base de dados do Instituto





dos Museus e da Conservação): <http://www.matriznet.imc-ip.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=106704>].

**Transcrição:** ETIA[m] / QVOTSI R[ogatu meo] / ATNVERIS [propitius] / ARAM DIC[abo cum hostiis] /<sup>5</sup> AVRATIS ET [.....] / TAVRVM M[actabo in] / ARIIS MA[rtis aug(usti)]// (ALARCÃO; ETIENNE, 1976)<sup>1</sup>.

**Tradução:** Mesmo ..... quando tu tiveres acolhido favoravelmente meu pedido, de coração propício eu consagrarei a ti um altar com vítimas de chifres de ouro e ..... eu sacrificarei a ti um touro sobre a esplanada de Marte Augusto (ALARCÃO; ETIENNE, 1976) (tradução da autora)<sup>2</sup>.

Nesta epígrafe, vemos um sacrifício que como ritual é um ato de tornar sagrado (GEERTZ, 2008), é uma forma de expressão da cultura da população local, demonstrando aspectos tanto lusitanos quanto romanos que formavam a identidade cultural conimbricense.

A análise e leitura desta epígrafe, feita como proposta pelo Professor Encarnação (1997), nos possibilitou observar alguns elementos. Primeiramente, o tipo de suporte é uma placa, o que nos indica que ela estava encaixada em uma parede, no sentido de seu comprimento. O seu material é calcário amarelado (conhecido como de Ançã), originário desta região, o que não acentua importância maior do que outras epígrafes, já que não foi encomendado um material mais resistente de outro local, como é atestado em outras epígrafes de Conimbriga, demonstrando que apesar de sua relevância para o nosso estudo, neste quesito de análise não se destaca frente a outras. Seu contexto arqueológico, o Criptopórtico<sup>3</sup> do Fórum Flaviano, possivelmente no pórtico duplo superior (CORREIA, 2009), nos indica que ela se encontra no

<sup>1</sup> Dimensões totais da epígrafe: 21,2 x 11,9 x 4,7 cm (a moldura está a 4,2 cm do campo epigráfico)

Altura das letras: l.1: 1,8; l.2: 2,1/2,2; l.3: 1,9/2,1; l.4: 1,9/2,1; l.5: 2,1/2,2; l.6: 2,2; l.7: 2,2; altura dos pequenos i na l.5 e 7: 1,2 cm.

Espaçamentos interlineares: 1: 0,4; 2: 0,6; 3: 0,5/0,6; 4: 0,5; 5: 0,5/0,6; 6: 0,4/0,5; 7: 2 cm.

Campo epigráfico: 20,6 x 10,3 cm

<sup>2</sup> “Même ..... quand tu auras accueilli favorablement ma requête, d’un cœur propice je te consacrerai un autel avec des victimes aux cornes dorées et ..... je te sacrifierai un taureau sur l’esplanade de Mars Auguste” (ALARCÃO; ETIENNE, 1976)

<sup>3</sup> “é um pórtico parcialmente enterrado, ou simplesmente apoiado a um barranco que comporta colunas com um espaço mais ou menos fechado” (GENOUVÉS, 1988:166-167). Segundo Alarcão e Etienne (1971), sua finalidade era essencialmente estrutural, embora pudessem e devessem ter também uma finalidade utilitária, estando a dispor das autoridades do município. (ENCARNAÇÃO, 1973).



centro da zona urbana da cidade. O Fórum era um ambiente conhecido por toda a população e local de passagem para as zonas mais importantes da cidade, para as lojas de comércio da atual ínsula do vaso fálco, para as Termas do Sul e do Aqueduto e para o anfiteatro. Contudo, a sua descoberta no Criptopórtico deste Fórum demonstra que apesar da utilização pública deste local, esta epígrafe se encontrava em uma área de difícil acesso, não aberta ao público, e pouco diuturna (CORREIA, 2009). E sua possível localização no pórtico duplo superior, onde se guardava o aparato cênico e religioso do templo, torna ainda mais seletivo o ambiente. Na verdade, esta parte era dividida do resto do fórum por uma parede com uma pequena porta, dividindo assim o local de total acesso público da área usada apenas por magistrados e sacerdotes. Sendo assim, podemos dizer que o dedicante desta placa é possivelmente uma pessoa de *status* elevado em Conimbriga, talvez um magistrado ou um sacerdote do templo. Todavia, esse é o máximo de informações que podemos retirar de seu contexto arqueológico, já que este no período cristão da cidade se tornou um cemitério, depois um campo de agricultura após a invasão suévica do século IV d.C e, séculos depois, virou um local preferencial para a retirada de pedras para a reconstrução da cidade vizinha de Condeixa-a-Nova, o que torna difícil a total interpretação deste local.

Quanto à datação desta inscrição, notamos que o século II d. C. é um momento de maior assimilação dos costumes romanos, já que a cidade já havia recebido o *status* de município romano (recebeu em 77 d. C.), e estava convivendo há bastante tempo com o estilo de urbanismo e costumes religiosos dos romanos, pois já havia passado pelas reformas urbanas augustana e flaviana. Desta forma, ela já possuía oficinas epigráficas, e mantinha o costume romano de fazer epígrafes, o que é claramente visto pela paginação bem feita, pelo alinhamento perfeito à esquerda, pela moldura dupla e pela letra actuária (letra em formato triangular).

Em relação à inscrição observamos primeiramente o deus que está indicado na epígrafe: Marte Augusto. O desdobramento e leitura deste teônimo foram possíveis graças às letras M e A (ALARCÃO; ETIENNE, 1976), que se encontram na parte inferior direita da inscrição e a localização do achado que por estar próximo a um templo de Culto Imperial, torna possível esta leitura, que é comprovada pela existência de outras duas epígrafes encontradas em Conimbriga dedicadas a este deus. Portanto, estamos trabalhando com uma epígrafe do Culto Imperial, que nesta cidade assumiu a *interpretatio* com Marte. Sendo Augusto aqui, um epíteto para Marte que daria um reforço as funções principais deste deus, tornando-o mais guerreiro ou um melhor protetor dos campos (ETIENNE, 1958). Neste caso, estamos diante de dois teônimos latinos,



mas a ausência de um culto semelhante em Roma, existindo somente na cidade de Conimbriga e nas províncias da Bética (onde se encontram 7 inscrições) e na Tarraconenses (onde se encontram 6 inscrições), parece indicar uma interpretação fruto do contato religioso da Península Ibérica com a cultura imperial.

Quanto aos animais a serem sacrificados, vemos vítimas com chifres de ouro e um touro. O touro é um animal de sacrifício tanto na cultura romana quanto na celta (CARNEIRO; ENCARNAÇÃO; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2008), mas a preparação dos chifres para o ritual, não é um costume romano, sendo possivelmente uma ação criada no local. A menção, inclusive de outras vítimas sacrificadas com o touro, pode indicar uma *suovetaurilia*<sup>4</sup> comum nas religiões romana e lusitana (como visto em inscrições feitas em língua lusitana com caracteres latinos em Arronches e em Cabeço de Fráguas em Portugal) (CARNEIRO; ENCARNAÇÃO; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2008).

Há também a menção do local do sacrifício, a esplanada de Marte Augusto, que nos dá mais informações sobre o espaço ritualístico do Fórum de Conimbriga e nos indica a importância daquele ato religioso e da própria epígrafe. Afinal, a esplanada do templo do Culto Imperial “[...] era um instrumento muito importante na delimitação dos espaços do fórum e nos acessos entre eles, representava também uma forma de elevar visualmente o nível a partir do qual se desenvolvia a estrutura do pódio, evitando demasiada visibilidade que este poderia ter (o que arruinaria o equilíbrio clássico das suas proporções)” (CORREIA, 2009). Desta forma, a esplanada era um lugar que adicionava grandiosidade em tudo o que ocorreria lá, tornando este sacrifício de extrema importância, o que associado às despesas que ele acarretava e ao local onde a epígrafe se encontrava demonstra que a pessoa que dedica este tipo de sacrifício é uma pessoa com um *status* elevado na comunidade.

Contudo, a inscrição foge da fórmula votiva<sup>5</sup> costumeira, proposta pelo Professor Encarnação (2006), já que apesar de identificar a divindade, não apresenta a identificação do dedicante, nem o motivo da dedicatória e nem a fórmula final consagratória. Afinal, ela é uma epígrafe votiva<sup>6</sup> com uma característica particular que descreve um ato central de um ritual e por isso não segue esta ordem. E esse aspecto ajuda na interpretação de suas possíveis funções, que podem ser como um guia para a formulação de um sacrifício a Marte Augusto ou como uma

---

<sup>4</sup> Este é um dos sacrifícios mais caros na religião romana, significava oferecer a divindade um porco (*sus*), uma ovelha (*ovis*) e um touro (*taurus*) (HENIG, 2006).

<sup>5</sup> Fórmula padrão de formação do texto epigráfico onde é dedicado o altar ao deus.

<sup>6</sup> Epígrafes dedicadas a uma divindade ou que fazem referência a cultos religiosos.



descrição de um momento em que o deus ainda não havia se mostrado propício para que lhe fosse oferecido um sacrifício. Dentre estas duas funções, em nossa opinião, a de ser um guia para um sacrifício se mostra mais plausível, já que não há espaço na epígrafe para o nome do dedicante e também porque descreve uma ordem de atos (o de esperar o deus se mostrar propício e depois matar as vítimas com chifres de ouro e o touro e o de explicar onde deve ser feito o sacrifício), além de estar localizado próximo ao templo de Augusto e Roma, estando junto ao aparato religioso e cênico do fórum e estar possivelmente encaixado em uma parede. Portanto, como descrição de um ato ele não é um objeto consagrado nem o cumprimento de um voto, mas só um guia para indicar como fazer um sacrifício a uma deidade cultuada no local.

Em nossa segunda epígrafe sugere-se o contrário. Esta é um *ex-voto*<sup>7</sup>, que parece seguir o formulário comum a epígrafes votivas, com a identificação da deidade, a identificação do dedicante, mas não possui motivo da dedicatória, nem fórmula final consacratória. Esta é dedicada ao deus Marte Neto, achada em 1815, próximo a muralha leste, mas atualmente perdida (CIL II 365).

**Transcrição e desdobramento:** [*Deo Marti?*] NETO[?] / VALERIVS • AVIT[us] / M(arcus) TVRRANIVS • SVLPICI[anus vel F(ilius)] / DE VICO • BAEDORO / GENTIS • PINTON(um vel orum vel icorum) // (ALARCÃO, ETIENNE, 1976)<sup>8</sup>.

**Tradução:** Ao deus Marte Neto ou Neton, Valerius Avitus, Marcus Turranius Sulpicianus ou filho de Sulpicius, do *vicus*<sup>9</sup> Baedorus, membro do clã dos Pintonos ou Pintoni ou Pintonici (fez este monumento ou cumpriu seu voto de bom grado) (ALARCÃO; ETIENNE, 1976) (tradução da autora)<sup>10</sup>.

<sup>7</sup> Oferenda que cumpre uma promessa feita a um ou mais deuses.

<sup>8</sup> Como está perdida atualmente não se sabe as dimensões desta epígrafe e também não se tem informações sobre seu suporte.

<sup>9</sup> Vicus é uma assentamento pequenos situado no território da cidade e subordinado a ela ou nome dado a um sub-distrito da cidade principal (SCHEID, 2003), logo este não tem estatuto próprio nem organização administrativa autônoma (ENCARNAÇÃO, 2008).

<sup>10</sup> “Au dieu Mars Netus ou Neton, Valerius Avitus, Marcus Turranius Sulpicianus ou fils de Sulpicius, du bourg Baedorus, membres du clan des Pintonos ou Pintoni ou Pintonici (ont fait ce monument ou se sont acquittés colontiers et à bom droit de leur voeu)” (ALARCÃO, ETIENNE, 1976).



Novamente, vemos o deus Marte interpretado, mas agora com outra divindade, o lusitano *Neto*, descrito por Macróbio<sup>11</sup> como o deus Marte com raios, um deus de guerra da elite, encontrado na cidade de *Acci* (Guadix, Granada) (OLIVARES PEDREÑO, 2002). Por esta epígrafe é plausível assumir este desdobramento devido à outra epígrafe achada em Trujillo na Espanha (também desaparecida na atualidade), que associa Marte a Neto. Sendo assim, fica claro que Conimbriga assimilou a função bélica de Marte, tornando-o um deus guerreiro das elites locais, assim como Neto.

Quanto aos dedicantes, vemos um *Valerius Avitus* e um *Marcus Turranius Sulpicianus* (ou filho de *Sulpicus*), ambos do clã dos *Pintones* ou *Pintoni* ou *Pintonici* e residem no *vicus Baedorus* (provavelmente na atual Condeixa-a-Velha) (ALARCÃO; ETIENNE, 1976). Todos os dois têm um gentílico, sendo que o do primeiro dedicante já apareceu em outra epígrafe e o outro pertence a uma família importante de Conimbriga que teve como membro mais ilustre *C. Turranius Rufus*, sendo uma família ligada a *gens Valeria*. Essa comunidade é especificamente lusitana reside em *Baedorus*, um lugar dentro do município flaviano que mantém casas de pessoas de origem indígena (ALARCÃO; ETIENNE, 1976). Sendo assim, os dedicantes são de origem indígena (provavelmente membros da elite devido à presença de suas famílias em outras epígrafes de Conimbriga) e seu clã é originário de Conimbriga, tornado esta, então, uma epígrafe de dedicantes nativos a um deus interpretado com funções bélicas e com epítetos latino e lusitano.

Quanto ao seu contexto arqueológico, fundamental para a análise de qualquer material arqueológico para definir a função deste e a razão de sua localização no espaço, podemos dizer que é inconclusivo, já que ao construir a muralha do Baixo-Império, para se proteger da invasão suévica, muitas epígrafes saíram de seu local original e foram colocadas como parte da nova muralha.

### Considerações finais

Deste modo, ao analisar estas duas epígrafes, notamos uma dupla *interpretatio* do deus romano Marte. Segundo Alarcão e Etienne (1976), possivelmente o culto a Marte Augusto coexistiu com o culto ao deus Marte Neto. No entanto, preferimos optar pela hipótese levantada por Correia (2009), de que houve aqui uma evolução do culto ao deus Marte, iniciado com o culto associado a Neto, cultuado pelas elites locais e que com o passar do tempo e perda de

---

<sup>11</sup> Autor latino que viveu em fins do século IV d.C e inícios do século V d. C.





costumes celtas perdeu o seu epíteto lusitano, mas manteve sua interpretação no cotidiano da população e que depois foi associado a Augusto e ao Culto Imperial, também ligado às elites. Afinal, é improvável que tenha ocorrido à dissociação de divindades (Marte ter deixado de ser interpretado com Neto e depois associado a Augusto) ou que tenham existido dois deuses diferentes com teônimos iguais. Sendo assim, Marte Augusto, apesar de, à primeira vista, parecer um deus de culto romano, é na verdade uma deidade interpretada que perdeu seu nome celta com a intensificação do processo de romanização, mas que manteve as características de guerreiras do deus lusitano Neto a qual Marte foi associado previamente naquela localidade.





## Bibliografia

CIL II – *Corpus Inscriptionum Latinarum II (Hispania)*

Hispania Epigraphica: <http://www.eda-bea.es> (Data da última consulta: 06/04/2011).

Matriznet: Coleções do IMC (Base de dados do Instituto dos Museus e da Conservação):  
[www.matriznet.imc-ip.pt/ipm/MWBINT/MWBINT02.asp](http://www.matriznet.imc-ip.pt/ipm/MWBINT/MWBINT02.asp) (Data da consulta: 27/05/2011).

Museu Monográfico de Conimbriga: [www.conimbriga.pt](http://www.conimbriga.pt) (Data da consulta: 07/02/2011).

ALARCÃO, J; R. Etienne dir. (1976), *Fouilles de Conimbriga, Vol II: Épigraphie et sculpture*, Paris: Boccard.

BELTRÃO, C. (2006), A religião na *urbs*, In: Norma Musco Mendes; Gilvan Ventura da Silva orgs., *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômica, política e cultural*, Rio de Janeiro, Mauad X, p. 137-159.

BUSTAMANTE, R. (2006), “Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade, In: Norma Musco Mendes; Gilvan Ventura da Silva orgs., *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômica, política e cultural*, Rio de Janeiro, Mauad X, p. 1-109.

BUSTAMANTE, R.; J; Davidson; N. M. Mendes (2005), A experiência imperialista romana: teorias e práticas, *Tempo*, 18, p. 17-41.

CARNEIRO, A; J. Encarnação; J. Oliveira; C. Teixeira (2008), Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre), *Conimbriga*, 47, p. 85-102.

CORREIA, V. (2009), O *forum* de Conimbriga e a evolução do centro urbano. In: T. Nagales Bassarate ed., *Cidade e Foro na Lusitânia romana*, Studia Lusitania 4, Zaragoza, s.d.

ENCARNAÇÃO, J. (1973), Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa, em plena Baixa, *Jornal da Costa do Sol*, X, 489.

ENCARNAÇÃO, J. (2006), *Epigrafia: As pedras que falam*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, J. (1997), *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*, Coimbra, Gráfica de Coimbra Ltda.



ENCARNAÇÃO, J. (2008), Em torno da inscrição a Marte em Sines, In: *Actas do 1o Encontro de História do Alentejo Litoral*, Sines, Centro Cultural Emmmerico Nunes.

ETIENNE, R. (1958), *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, E. de Boccard Éditeur.

GEERTZ, C. (2008), A Religião como sistema cultural, In: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, LTC, p. 65-91.

GENOUVÉS, R. (1988), Cryptoportique, In: *Dictionnaire méthodique de l'architecture Grecque et Romaine. III Espaces, architecture, bâtiments et ensembles*, Roma, École Française de Rome, p. 166-167.

HENIG, M. (2006), Roman Religion and Roman Culture in Britain, In: M. Todd ed., *A Companion to Roman Britain*, Oxford, Blackwell Publishing Ltda., p. 220-241.

MENDES, N.; U. Otero (2004), Religiões e as Questões de Cultura, Identidade e Poder no Império Romano, *Phoînix*, 11, p. 196-220.

OLIVARES PEDREÑO, J. C. (2002), *Los dioses de La Hispania Céltica*, Madrid, Real Academia de La Historia, Universidad de Alicante.

SCHEID, J. (2003), *An introduction to Roman Religion*, Blomington, Indiana University Press, p.18-29.

VASCONCELOS, J. (1913), *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

VEYNE, P. (2009), Tranquilizações, In: Philippe Ariès; Georges Duby dir., *História da Vida Privada*, Vol.1, São Paulo, Companhia das Letras.

## Sobre a autora

Raquel de Moraes Soutelo é graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e bolsista de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), com o plano de trabalho “Práticas de *interpretatio* na Lusitânia Romana: o caso de Conimbriga”, vinculado ao projeto “*Religio* Romana: uma análise das





instituições religiosas romanas em discursos tardo-republicanos” da Professora Doutora Cláudia Beltrão da Rosa. E-mail: [raqueldemsgomes@hotmail.com](mailto:raqueldemsgomes@hotmail.com).

